



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Nicolau T. Leroy

A Traviata



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A Traviata
Nicolau T. Leroy

Adaptação ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1890.

Livro Digital nº 576 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Nicolau T. Leroy
(?)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A TRAVIATA

OPERETA BUFA EM UM ATO



Representada com grande sucesso em diversos teatros de Lisboa, Porto, Ilhas e Brasil.

PERSONAGENS:

TRAVIATA

GERMANO

ALFREDO

FERNANDO

GASTÃO

EDUARDO

ANSELMO

CRIADO

Vários convidados

ATO ÚNICO

Salão rico. Duas portas ao fundo deixando ver um jardim. Portas laterais. Um sofá e cadeiras. Vários rapazes encasacados estão conversando e bebendo. Um criado de libré distribui vinho sobre uma bandeja.

CENA I

Anselmo repimpado no sofá com toda a sem cerimônia, Eduardo e Gastão.

CORO (*música*)

Pra estar na afinação,

é beber; toca a beber (*bis*)

pra correr

melhor a função.

EDUARDO (*falado*)

Pois é verdade, rapaz, a noite vai ser excelente!

GASTÃO

É tal qual como tu dizes, *Menu*, Champagne para as belas.

EDUARDO

Camarões, lagosta, perdizes.

ANSELMO

Antes as iscas com elas, que nunca me sabem mal!

GASTÃO

Oh! menino! isso não vale, é contra toda a etiqueta, falar aqui em calão!

EDUARDO

É verdade, tens razão, é preciso seriedade!

ANSELMO

Seriedade?! Ora bolas! se há cerimônia, adeusinho, eu vim para rir, beber vinho, até ir para casa... em maca.

GASTÃO

Mas... ouve cá, meu tontinho, não é por nós que falamos, repara que estás de casaca, luva branca...

ANSELMO

Ah! É verdade, é pela dama que esperamos, que devemos ter cautela com as palavras malsonantes!

GASTÃO

Não tarda aí o Fernando e com certeza vem com a bela, vamo-nos pois preparando!

EDUARDO

Ei-lo que chega!

GASTÃO

Atenção! Façamos à nossa bela a devida recepção, digna de um diplomata!

CENA II

Os mesmos e Fernando.

FERNANDO (*entrando*)

Não se incomodem, rapazes, já não vem a Traviata!

TODOS

Já não vem?

FERNANDO

Não tenho a culpa!

GASTÃO

Bem me fio agora nessa!

FERNANDO

Acreditem! Não virá!

ANSELMO

Pois há de pagar a multa de nos pregar essa peça, a partida... é indecente!

TODOS

Venha a bela, venha a bela!

FERNANDO

Esta agora não é má! Endoideceu esta gente. Hei de obrigar Traviata a cumprir o que promete, trazendo-a aqui pela arreata ou no bolso do colete? Porém nada perderão, tudo será compensado!

TODOS

O que é? O que é então?

FERNANDO

Pra gente rir um bocado apresentar-lhes vou já, um *calouro* que saiu com licença do papá, vão ver o que é engraçado, tipo assim nunca se viu... Não imaginam! Que atado! É a inocência em pessoa. Se fala faz-se corado, se fuma logo se enjoa, não bebe vinho... e estou certo que não viu mulheres de perto!

TODOS (*rindo*)

Ah! ah! ah! ah!

(*O criado entra e apresenta um bilhete a Fernando*)

FERNANDO

Ei-lo que chega! Aí está! (*Ao criado*) Mande entrar! (*Criado sai*)

CENA III

Os mesmos e Alfredo.

ALFREDO (*muito acanhado*)

Boas noites, meus senhores!

FERNANDO

Viva lá, meu caro Alfredo, permita-me que o apresente aos meus amigos. (*Apresenta-o*)

ALFREDO

Tenho medo que incomode!

FERNANDO

Essa é boa! (*Vendo a atrapalhão de Alfredo*) Mas o que tem? O que é isso?

ALFREDO (*balbuciando*)

Eu... eu... eu... Não foi nada, é que sou muito nervoso e quando cheguei à escada, foi-me bem dificultoso, resolver-me a vir aqui!

GASTÃO

Mas que foi? Que aconteceu?

ALFREDO

Não foi nada. Assim que entrei uma mulher, uma sereia, de tal forma me enleia com o seu mágico olhar, que ainda tremendo estou sinto tudo a palpitar.

CORO (*música*)

Linda como uma rosa, bela e vaporosa, vestida de cetim, tim, tim, tim, tim, tal qual um serafim

Seu olhar de ternura, sua gentil figura, fez-me tal comoção, que ali logo fiquei em adoração.

E o seu rosto lindo me mostrava sorrindo.

Linda como uma rosa, bela e vaporosa, vestida de cetim, tim, tim, tim, tim, tal qual um serafim.

FERNANDO (*falado*)

Por que ficou a tremer? As mulheres não têm peçonha!

ALFREDO

É que eu tive vergonha e se o papá viesse a saber!

TODOS (*rindo*)

O papá! Ah! ah! ah! ah!

ALFREDO

Ai, Jesus! Que gritaria! (*Tapando os ouvidos*)

CENA IV

Os mesmos e Traviata.

TRAVIATA (*entra espavoridamente, seguida do criado, tira a capa e a mantilha, ficando decotada, etc., trajo de baile*)

Cá estou eu!

TODOS

Viva Traviata!

TRAVIATA

Tardei mas sempre apareci!

ALFREDO (*vendo Traviata, à parte*)

Ela! A tal!

TRAVIATA (*vendo Alfredo, à parte*)

Não me enganei,

Apaixonei-me afinal!

FERNANDO (*a Traviata*)

Sempre te hás de demorar, a razão... não te pergunto!

TRAVIATA

Tem paciência. Fui deitar umas bixas num defunto. Venho tarde, sim, convenho, mas bem sabem que não tenho, nem tempo para me coçar.

CORO (*música*)

Sempre em pandegas e na orgia não descanso um só momento,
quer de noite quer de dia é giro, giro qual cata-vento.

São passeios, jantares, caçadas
soirées, teatros e touradas.

Sempre em pândegas e na orgia
quer de noite quer de dia.

Ah! que pagode! ah! que frescata! é a vida cá da Traviata!

CORO

Ah! que pagode! ah! que frescata! é a vida cá da Traviata!

ALFREDO (*à parte, falado*)

É linda! Linda de lei!

TRAVIATA (*referindo-se a Alfredo*)
Quem é aquele cavalheiro? não me é desconhecido.

ALFREDO (*à parte*)
Oh! meu Deus! Ei-la comigo.

FERNANDO
Ah! Traviata. Perdoa, esqueceu-me de apresentar este nosso bom amigo, um rapaz exemplar! (*Apresenta Alfredo*)

TRAVIATA
Meu senhor!

ALFREDO (*atrapalhado, gaguejando*)
Mi... mi... minha senhó-nhó-nho-ra! (*À parte*) Como é bela! É adorável!

FERNANDO (*a Alfredo, baixo*)
Vamos! Seja mais amável.

ALFREDO (*à parte*)
Oh! meu Deus! Se eu pudesse sumir-me pelo chão abaixo!

ANSELMO (*à parte*)
Dava um doce a quem dissesse se ele é fêmea ou se é macho!

GASTÃO
Tenho a palavra, proponho, que à formosa Traviata, um brinde aqui já se faça.

TODOS
Bravo, bravo! Apoiado!

(*Todos tomam os copos*)

ANSELMO
Venha de lá a morraça!

FERNANDO

Está dito então. É pra já, hip! hip! hip!

TODOS

Hurrah!

TRAVIATA

Tal gentileza reclama o dever de agradecer, eu porém já tenho fama de ser muito caprichosa, (*tira uma rosa do peito*) e quero oferecer esta rosa, a quem o brinde fizer!

FERNANDO

Faço eu!

Gastão

Ou eu!

Anselmo

Ou eu!

TRAVIATA

Peço perdão por esta vez, decerto não é cortês, nem formal esta exigência; quem o brinde vai fazer (*a Alfredo*) espero que seja vocência!

TODOS

Alfredo!!!

TRAVIATA

Espero que o meu pedido não seja desatendido!

ALFREDO (*à parte*)

Oh! meu rico pai do céu!

TRAVIATA (*à parte*)

Então! Peço-lhe eu!

FERNANDO (*baixo a Alfredo*)

Não recuse; a deferência no ridículo não cai.

ALFREDO (*a Traviata*)

Para agradecer a vocência, vai mal, mas enfim... vai!

CORO (*música*)

À bela mais bela das belas que eu vi, com prazer, com prazer eu brindo aqui. O júbilo e a minha alegria é tal que até julgo estar na mansão celestial.

Ao sentir tão doce sensação, à musa eu peço que, sem demora, me dê, sim, me dê a inspiração para brindar a esta senhora.

Bebamos, bebamos pois em louvor da rainha da formosura e do amor.

CORO

Sim, da rainha da formosura e do amor. (*Bis*)

TRAVIATA

A quem tão gentilmente um brinde me fez, responder vou, já responder, pois me cabe agora a vês. Na mão tenho a taça, e ao divino licor peço agora que seja o meu inspirador.

Minh'alma se sente enleada de comoção e de alegria. Quisera brindar, bem inspirada, a quem dedico a minha simpatia.

Bebamos, bebamos pois em louvor de tão amável e simpático senhor.

CORO

De tão amável e simpático senhor. (*Bis*)

TODOS (*falado*)

Bravo, bravo, bravo! (*Aplaudem*)

TRAVIATA (*a Alfredo*)

Agradeço-lhe o improviso, e creia que simpatizo deveras com o seu talento! (*Dá-lhe a rosa e aperta-lhe a mão*)

ALFREDO (*à parte*)

Oh! que aperto de mão, senti-o no coração! (*Ouve-se uma valsa. Sol e dó*)

FERNANDO (*ao fundo*)

Chega neste momento a orquestra ao jardim, vamos, amigos, depressa, eis a valsa que começa! Vem, Traviata?

TRAVIATA

Vou, sim! (*A Alfredo*) Então! Não quer vir dançar?

ALFREDO

Faz-me ter dores de cabeça, eu prefiro antes ficar!

TRAVIATA

É um pedido que faço, ao menos dê-me o seu braço!

ALFREDO

Nesse caso... eu obedeco!

ANSELMO (*ao fundo, para Traviata*)

Mas então que história é essa? Tu estás lá ou és de gesso?

(*Traviata sai pelo braço de Alfredo. Saem todos*)

CENA V

GERMANO (*só, entrando muito atrapalhado*)

Onde está o meu Alfredo? Onde está o meu menino? Eu ando com tanto medo que ele se perca, coitadinho! Pediu-me esta tarde licença para sair a passeio, e como é criança não pensa, quem sabe lá se no meio de tanta rapaziada se meteu em alguma alhada? Já me disseram que aqui é casa de brincadeira, onde vem gente estragada... e pelo que me disse a porteira, o pequeno entrou para cá! Quem mo afirma? Quem sabe se ele se vai aqui perder, porque afinal tem a idade em que é preciso... prazer! Onde ele caiu! Desgraçado! Que tormento! Que impaciência! Hei de tê-lo

amarrado, para que não perca a inocência! Vou por aí dentro procurá-lo, e olarépes! que hei de achá-lo! (*Sai*)

CENA VI

Traviata e Alfredo, depois germano.

TRAVIATA (*pelo braço de Alfredo*)

É verdade, caro Alfredo, eu não sei porque motivo ao ver-me consigo aqui, já me parece que vivo no paraíso, no céu...

ALFREDO

É tal qual como eu, desde o momento em que a vi!

TRAVIATA

Fale, sinto prazer, em ouvir a sua voz!

ALFREDO (*à parte*)

Santo Deus! Isto é atroz, eu não sei que hei de dizer!

TRAVIATA

É um bem consolador, tudo acredito, prometo. (*Assoa o nariz*)

ALFREDO (*à parte*)

Desta feita me derreto, nunca senti tal calor!

CORO (*música*)

Então! então! por que razão fica a olhar para mim, cataplim, como um toleirão, rataplão?

ALFREDO (*à parte*)

Ai, ai, ai, ai,

se o pai, se o pai

vem dar comigo aqui,

firoli, faz-me decerto em pó,

trolóró!

TRAVIATA

Sem medo pode responder; diga-me, oh! sim, o que quiser.

ALFREDO

Deixe-me confessá-lo,
senão rebento e estalo.

Sim, é de amor que meu peito palpita.

Como eu te adoro, oh cara bonita!

Misterioso, misterioso isto é.

O amor me torna ditoso,
oh sim, ditoso! Olari, olaré!

Ah! Traviata! (3 vezes)

Traviata!

(Alfredo cai aos pés de Traviata. Germano entra e surpreende-os)

GERMANO *(falado)*

Ah! que vejo?! Que desgraça!

ALFREDO

O papá! Oh! que carraça! *(Levanta-se e raspa-se)*

CENA VII

Germano e Traviata.

GERMANO *(com fúria)*

Peça a Deus, minha senhora, que suspenda o meu furor. Mulher fatal, pecadora, sem coração, nem pudor, atrever-se a enfeitiçar o meu querido Alfredinho, uma joia, um anjinho, mais puro que uma donzela... *(Convicto)* pois tem palmito e capela.

TRAVIATA

Que atrevimento é esse? Quem é o senhor? Diga já! Sou mulher, sou caprichosa, e deu-me isso na telha; e enquanto eu não for velha e tiver cara com jeito, julgo que estou no direito de seduzir quem me apraz.

GERMANO

Descarada como sete! É necessário que entenda que é um crime que comete.

TRAVIATA

Alto lá. Pare! Suspenda esse ar tão arrogante... (*Atira-lhe o chapéu ao chão*) tire fora esse penante e a ser delicado aprenda. Tome cautela em si, e tenha o respeito devido, mas se quer riscar comigo... (*Mãos nas ancas, desafiando à fadista. Dá-lhe pançada*) Vamos, salte para aqui.

GERMANO (*à parte*)

É uma mulher nunca vista, demais a mais é fadista. (*Alto, humildemente*) Tem razão. Devo pedir que me não roube o rapaz... ele, coitadinho, é capaz de se matar para servir.

CORO N.º 6 (*música*)

Lindo e gentil como uma flor, mais inocente, nada, não ha; não conhece outro amor que o amor de seu papá.

Todos os meus ternos carinhos sempre lhe consagrei, em confeitos e bolinhos bons patacos eu gastei.

Quer de noite quer de dia, sempre nele estou a pensar, e toda a minha mania é que mo querem roubar.

Se me perde o maganão, quanto me fará sofrer... Oh céus! Então! quero morrer... (*Bis*)

TRAVIATA (*falado*)

Suas mágoas reconheço, e por isso eu obedeco. (*Tira do bolso um cartão de visita e um lápis*) E por este meu cartão, ele saberá bem depressa que não será meu amante; nele lhe peço que me esqueça, que afogue essa paixão, sem ficar por isso triste, que me perdoe esta afronta, e que enfim faça de conta que esta mulher não existe.

GERMANO (*contente*)

Oh! meu Deus! Se tal fizer, não é mulher, é um anjinho.

TRAVIATA

Vou tudo isso aqui escrever: Volta-te lá, ó Zezinho. (*Vira Germano de costas e escreve apoiando-se nas ditas*)

ALFREDO (*dentro*)

Sim, é de amor que meu peito palpita

Sim, eu te adoro, oh cara bonita!

Misterioso, misterioso isto é!

O amor me torna ditoso

oh! sim, ditoso; olaré! olaré!

GERMANO (*falado*)

Ele aí vem. Por quem é, retire-se, para que a não veja; quero pregar lhe um sermão que o vou deixar a zinir, e se não me quiser ouvir, dou-lhe tamanha cerveja que vai de trombas ao chão.

TRAVIATA

Faça-se o sacrifício.

GERMANO (*agradecido*)

São os ossos do ofício. Que o bom Deus nada lhe negue. (*À parte, com gosto*) Para o diabo que a carregue.

CENA VIII

Germano e Alfredo.

ALFREDO (*entrando*)

Traviata! Traviata!

Onde iria? Onde estará?!

(*A Germano, sem o reconhecer*)

Viu por aqui a Traviata?

(*Reconhecendo-o*)

Oh! co'a breca! é o papá.

GERMANO

Sim, sou eu: é o pai velho, que te quer dar um conselho.

ALFREDO

Um conselho? Oh! que maçada!

GERMANO

Olha! a ocasião é azada. Se de teu pai és amigo, anda para casa comigo...

ALFREDO

Eu para casa? Não vai nada.

GERMANO

Anda, meu filho, obedece...

ALFREDO

Já vejo que o papá esquece que quando entra a teimar, o seu Nini faz chorar... (*Choraminga*) Se fosse amigo não teimava. Sabe que mais? Vá à fava. (*Sai*)

CENA IX

Germano, Traviata, depois Fernando.

TRAVIATA (*entrando*)

Santo Deus! O que é isto?

Que gestos! que burburinho!

GERMANO (*à parte*)

Ela outra vez! Não resisto: vou tratar de me safar, para não lhe quebrar o focinho. (*Sai*)

FERNANDO

Então assim nos assusta,

Traviata? Que faz aqui?

Todos andam em busca,

todos perguntam por si.

TRAVIATA

Como lhes sou obrigada! (*Senta-se no sofá*) Porém estava fatigada, e vim descansar um pouco.

FERNANDO (*senta-se ao seu lado*)

Agora, que estamos sós, vou dizer-te com franqueza o que há muito te ocultava: essa tua linda voz e deslumbrante beleza, sempre, sempre me inspirava um amor sincero, crê; e para prova desse amor e que te sou afeiçoado, aqui te ofereço esta flor, (*tira a flor da lapela e coloca-a no cabelo de Traviata*) que te ponho no toucado: e visto que não recusaste estas amorosas falas, vamos girar pelas salas, fazer ferro a quem nos vê.

TRAVIATA (*à parte*)

Oh! quando Alfredo souber vai de dor, oh! sim morrer! (*Sai pelo braço de Fernando*)

CENA X

Alfredo (depois de espreitar).

Ainda bem! Já cá não está! Nunca vi um pai assim; anda sempre atrás de mim; mas creio que homem sou já, e que não parece mal eu andar por aqui sozinho. Na verdade, é tão bonzinho a gente andar à vontade. E Traviata como é linda! Que meiguices! que bondade! Cada beijo é uma brasa que ela me põe na bochecha; e diz que nunca me deixa e quer levar-me para casa. (*O criado entra e apresenta-lhe um cartão de visita, e sai*) O que é? É para mim. (*Examinando o cartão*) É dela! É o seu cartão; já lhe senti o seu perfume. (*Lendo*) Mas que vejo?! uma traição! “Não aceito o seu amor; julguei que era rico e nobre: não insista por favor, não sou amante para pobre.” (*Colérico*) Alma vil! Mulher ingrata! Ah! pérfida Traviata! A corte de um rico aceita, e o amor d'um pobre enjeita. Pois bem, toma sentido, a teus pés me vou matar e salpicar-te o vestido com o sangue que espirrar. Tenho um rival que é ricaço: pois verás o que lhe faço; tão depressa eu logre vê-lo hei de logo ali estendê-lo. Julga-me talvez um urso; pois pode ter

a certeza que me há de ouvir um discurso que nem do *Rei da Madureza!* Ah! como a vingança consola! Como é bom desabafar! Degredado irei para Angola, mas morrer sem me vingar, isso... hom'essa pistarola!

CORO (*música*)

Oh! cruel oh! cruel vingança eu quero já, sim, eu quero já tirar, e sem mais, e sem mais tardança no sangue dela me quero afogar.

Estou raivoso, furioso, irado,
já não vejo senão tudo encarnado!

Ah!

Oh! cruel, oh! cruel vingança,
etc.

Pra sermões eu já não presto (*falado*);
quem quiser que acabe o resto. (*Sai*)

(*A orquestra acaba o trecho*)

CENA XI

Fernando e Traviata.

(*Entram de braço dado*)

TRAVIATA

Por quem é, deixe-me só; bem vê que estou fatigada.

FERNANDO

Quer tomar alguma cousa?

TRAVIATA

Não, agora não vai nada. Já lhe disse, estou doente: não me seja impertinente. (*Senta-se com mau humor*)

FERNANDO

Pois, minha querida, as amantes que para amor nos mostrar, têm de se contrafazer, não as posso tolerar; prestam sempre mau

serviço. Vou deixá-la só por isso. Amiguinhos como dantes, ao seu dispor cá me tem, servi-la-ei com prazer, em negócios de amor, porém, assim não me venhas ver. (*Sai*)

CENA XII

TRAVIATA (*só, sentimental — estende a massa no exagero*)

Oh! Diógenes! oh! Platão!

oh! vós que como a neve

tínheis frio o coração!

(*Entra o criado e oferece-lhe uma púcaro com água. — Ao criado, com mau modo*)

Vá pro diabo que o leve,

não me tire a inspiração!

(*Criado sai... Sentimental*)

Oh! amar assim como eu amo,

ninguém o faz, acredito.

(*Outro tom*)

Mas se assim vou, em tísico

e nem três dias mais duro,

e se eu a canela estico,

lá me levam para o guano

e vou parar ao Vale Escuro.

(*Ouve-se um “sol-e-dó” que passa: — Sentimental*)

Esta música! Que harmonia! Que doces recordações, que saudades me provoca, como minh'alma enleia! (*Outro tom*) E se eu

fosse para rapioca com aqueles grandes ratões, não era uma boa ideia? (*Sentimental*) Mas não! Eu amo o Alfredo, e sinto que vou

morrer.

CORO (*música*)

Adeus vou dizer ao mundo, pois a morte eu sinto que já me sufoca; adeus ceias no Dafundo e as belas noites de rapioca.

Não farei mais a Avenida mui repimpada no meu carrinho, ao som da guitarra querida não cantarei mais o fadinho. Não! não! não!

Oh! meu Deus! que seca! que mundo tão vil! Lá me leva a breca! estico o pernil! (*Cai desfalecida sobre o sofá*)

CENA XIII

Traviata e Alfredo.

ALFREDO (*trazendo um embrulho, à parte: falado*)

Lá está ela, a celerada! Quando tão atribulada minha pobre alma está, vejo-a toda repimpada no seu fofinho sofá.

TRAVIATA (*meiga*)

És tu, Alfredo?

ALFREDO (*avança com passos trágicos; — ríspido*)

Sossegue, não tenha medo; é bem pouco o que lhe quero. Há alguém que foi preferido e a quem deu o coração. Sou pobre mas nunca fico a dever o que utilizo; por isso pagar preciso, tal qual como paga o rico. Ele já lhe deu essa flor que no seu, cabelo vejo, e eu quero, pagar-lhe o beijo que me deu com tanto ardor. Meus caprichos levo a cabo, tenho essa má qualidade. Não lhe dou flores, pois me gabo de dar prenda delicada e de mais utilidade.

(*Tira do embrulho uma grande cabeça de nabo, e oferece-o a Traviata*)

Mande-o meter na panela, faça-o guisar pela criada, e verá que é cousa bela. Pode fazer feijoada com o belo chispe de porco. Apesar de não ter nada, por misérias não me enforco; para amarrotar meus rivais, mil sacrifícios faço. Diga agora quem deu mais, se fui eu ou o ricaço... Tratou me tal qual um mouro, porque amor me não tem. No adeus não haja choro. Viva! passe muito bem! (*Sai com pano trágico*)

CENA XIV

(*Bis*).

TRAVIATA (*só, erguendo-se*)

Já se foi! Que infeliz sou! Oh! que atroz condenação! (*Referindo-se ao nabo*) Isto apenas me deixou para minha consolação. Valham-me as Chagas de Cristo! mata-me aquele cachorro: a esta dor não resisto, desta feita é que eu morro!

CENA XV

Traviata, Germano e Alfredo.

(*Germano vem cobrindo Alfredo com o capote*)

ALFREDO

Ah! papá! Eu amo-a tanto!
Já não posso mais, bem vê!

GERMANO

Pois sim, filho. Entretanto vou tirar-te o *cachenês*. (*Descobre-o*)

ALFREDO (*tomando a mão de Traviata*)

Oh! meu Deus! Está inanimada!

GERMANO

Não te aflijas, querido filho. Desaperta-lhe o espartilho: talvez esteja agoniada.

ALFREDO

Oh! não! Está fria de morte!

GERMANO (*à parte*)

Vamos lá que estou com sorte.

ALFREDO (*trágico, arrepelando-se*)

Morrrrta! Morrrrta a minha Traviata!

GERMANO (*imitando-o*)

Vai torrrrrta! Vai torrrrrta se ele se mata!

TRAVIATA (*a Alfredo, com voz de moribunda*)

Alfredo, dá-me a tua mão. Fica sendo meu amigo; eu mereço o teu perdão.

GERMANO (*à parte, amolando o caso*)

Viva e forte como um mastro.

Não tem fim aquele canastro!

ALFREDO

Traviata, minha querida, não chores assim, senão em seguida dou cabo de mim.

Vou trincar meio bife de boa vitela, deito-me num esquite e estico a canela.

ALFREDO E GERMANO.

Morte duma figa, bem te vejo, olá! que dores de barriga que eu tenho já!

GERMANO

Meu filhinho, ouve cá, não queiras morrer, senão teu papá quanto vai sofrer! Se morreres, não é asneira para o caminho levar trincadeira; não te esqueça o vinho!

ALFREDO E GERMANO.

Morte de uma figa, bem te vejo, olá! que dores de barriga que eu sinto já!

TRAVIATA (*com voz sumida: falado*)

Olha, escuta o que te digo. Já pouco posso falar, mas quero aqui te jurar que hei de fazer-me leiga na celestial mansão, e... (*Expira*)

ALFREDO (*a Germano*)

Não pôde continuar.

GERMANO

Cá estou eu para acabar: Torradinhas com manteiga, por cima café limão.

ALFREDO

Morreu! Eu já sinto a morte em mim. Chegue-me aquela cadeira: vou sentado para o outro mundo.

GERMANO (*dando-lhe a cadeira. — Alfredo senta-se*)

Oh! que desgosto profundo! Não, não morras, tem cautela; olha que fico sozinho!

ALFREDO (*moribundo*)

Não, papá; quero ir com ela, para me ensinar o caminho. Sossegue, papá; lá para o ano, por um sistema moderno, para o céu e para o inferno, vai haver *americano*. Adeus, meu querido papá.

GERMANO (*abraçando-o*)

Filho do coração!

ALFREDO

Não se esqueça de ir por lá. (*Expira*)

GERMANO (*simples*)

Passa pra cá meio tostão. (*Vendo que Alfredo morreu*) O que vejo?! Já morreu! Morreu, sim, tenho a certeza. Ora vejam que despesa vou fazer pra ir ao céu. Eu não resisto a tais dores; não, não as posso sofrer. (*Despe o casaco, estende-o no chão, e deita-se sobre ele, dizendo*) Boas noites, meus senhores: eu cá também vou morrer. Vai tudo assim de uma vez. É melhor e mais depressa. (*Estica a canela*)

ALFREDO (*levanta-se e diz*)

Mas não façam morrer a peça, já que morremos os três. (*Torna a morrer sentado*)

CENA XVI

Todos os personagens, vestidos, de gato pingado, aparecem de tochas na mão.

FERNANDO (*entoa*)
De profundis Traviata!

TODOS (*idem*)
Amém! (Ficam cabisbaixos)

ALFREDO (*ressuscita, e toca no ombro de Traviata*)
Oh! tu que fumas!

TRAVIATA (*ressuscita*)
Que é? Já estamos no céu?

ALFREDO (*alegremente*)
Já. Vamos pro pagode.

(Todos se erguem e todos dançam)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com